

Mesmo com a crise, um milhão de brasileiros deixou a pobreza em 2009

(Fabiana Ribeiro, Cássia Almeida e Letícia Lins)

RIO e RECIFE - A despeito de uma das maiores crises internacionais desde a Grande Depressão dos anos 30, um milhão de brasileiros deixou a pobreza no ano passado. Nos cálculos do economista Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais (CPS) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o número de pobres caiu de 29,8 milhões para 28,8 milhões em um ano - que representam agora 15,32% da população brasileira e não mais os 16,02% do ano anterior. O economista considera pobre quem tem renda familiar per capita de até R\$ 140. - A renda familiar per capita subiu 2,04% de 2008 para 2009, mesmo com um aumento do desemprego no país. E isso ajudou a reduzir a desigualdade, especialmente em tempos de crise - afirmou Neri, acrescentando que, considerando a renda familiar per capita de meio salário mínimo (ou R\$ 232,50, pelo piso de 2009), 3,5 milhões de pessoas deixaram a pobreza no ano passado. A distância entre ricos e pobres também foi reduzida. Segundo Neri, os 40% mais pobres tiveram um aumento na renda domiciliar per capita de 3,15%, com ganho médio de R\$ 294. Já a renda dos 10% mais ricos subiu 1,09%, para R\$ 2.566: - Vários fatores ajudaram a explicar a queda na desigualdade, como reajustes do mínimo, a Bolsa Família e o desempenho do mercado de trabalho. Leia também: Uso da internet aumentou mais entre os brasileiros maiores de 50 anos Sob efeito da crise, número de desempregados tem maior alta da década, aponta Pnad Taxa de fecundidade sobe pela primeira vez na década, aponta Pnad Emprego formal fez aumentar renda O Índice de Gini, medida de distribuição de renda que, quanto mais próximo de um mais desigual é a sociedade, caiu de 0,521 para 0,518 no mercado de trabalho. Numa velocidade menor que em outros anos. Para Sonia Rocha, economista do Instituto de Estudos de Trabalho e Sociedade (Iets), essas oscilações já aconteceram em outros anos: - Ainda não se configura uma tendência. Não quer dizer que está se esgotando. É espantoso que a distribuição de renda continue melhorando. O impacto da escassez de mão de obra qualificada não tem afetado a distribuição. Nas famílias, a distribuição de renda também melhorou. O Índice de Gini passou de 0,514 para 0,509. E o principal fator foi o mercado de trabalho, segundo Sonia: - A renda do trabalho responde por 75% dos rendimentos das famílias. Sem dúvida, o aumento do salário mínimo foi um dos componentes. Além disso, a cultura da formalização está aumentando. Há um interesse das empresas em se formalizar para ter acesso a crédito e a compras governamentais. Para o economista Sergei Soares, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), essa melhora mais lenta na distribuição de renda pode representar, sim, uma eficácia menor dos programas sociais. - Porém, a desigualdade deve continuar caindo pelos fatores demográficos e educacionais. Saiba também: Número de domicílios próprios cresceu 13,4% em cinco anos, segundo o IBGE Proporção de homens casados é maior do que a de mulheres Brasil tem 14,1 milhões de analfabetos, aponta IBGE "A sociedade ainda é muito desigual" Com ensino fundamental completo, Eliel Carvalho da Silva, de 22 anos, fazia biscates até os 18 anos, quando o seus rendimentos não atingiam, sequer, metade do salário mínimo. Aos 20 anos, conseguiu seu primeiro emprego com carteira assinada, no qual ficou até julho passado. Não ficou um mês sem trabalho. Mesmo sem ser qualificado, ele já conseguiu outra vaga, como servente de construção em Recife. No feriado de 7 de setembro, Silva trabalhava na reforma de uma agência bancária no bairro de Casa Forte, com companheiros que chegaram a passar até uma década sem trabalho formal. Silva ganha mais de um salário mínimo - R\$ 530, com direito a alguns outros benefícios sociais. Apesar do dinheiro não ser muito, está com as contas em dia. Ele está se programando agora para comprar uma geladeira, mas não quer se endividar. - Espero fazer isso em 2011 e estou poupando para comprar à vista e com desconto - afirma Silva. Para o diretor do Instituto de Economia da UFRJ, João Saboia, apesar das melhoras, ainda há muito a avançar. - A escolaridade é menor que de nossos vizinhos. A sociedade ainda é muito desigual.